

JOSÉ EDUARDO AGUALUSA

Barroco tropical



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2009 by José Eduardo Agualusa
Em acordo com Literarische Agentur Mertin Inh. Nicole Witt e. K., Frankfurt am Main,
Alemanha.

Publicado originalmente em Portugal pelas Publicações Dom Quixote.

*A editora optou por manter o vocabulário vigente em Angola, observando as regras do
novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990.*

Capa

Elisa v. Randow

Foto de capa

© Bernd Vogel/ Corbis/ LatinStock

Preparação

Leny Cordeiro

Revisão

Márcia Moura

Arlete Zebber

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Agualusa, José Eduardo
Barroco tropical / José Eduardo Agualusa. — São Paulo :
Companhia das Letras, 2009.

ISBN 978-85-359-1569-3

1. Ficção brasileira I. Título.

09-11071

CDD-869.93

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura brasileira

869.93

[2009]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista 702 cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

1.

Uma mulher a cair do céu.

Contei os segundos entre o instante do relâmpago e o do trovão — um, dois, três, quatro, cinco, seis, sete. Depois multipliquei por trezentos e quarenta, a velocidade do som em metros por segundo, para calcular a distância a que caíra o primeiro raio: dois quilômetros, trezentos e oitenta metros. Calculei o segundo, o terceiro, o quarto. A tempestade avançava veloz na nossa direção. Soube onde iria cair o quinto raio um instante antes que o céu se abrisse.

Kianda estava cerca de cem metros à minha frente e avançava, avançava sempre, como num palco, empurrada pela luz. Os sapatos afundavam-se na terra, vermelho-laca sobre vermelho-velho. Ao longe dançavam palmeiras. Ainda mais ao longe erguia-se a sólida silhueta de um embondeiro. Kianda caminhava muito direita, de rosto erguido, as belas mãos, de dedos longuíssimos e finos, cruzadas sobre o peito. A luz era uma substância dourada e densa, quase líquida, à qual se colavam folhas secas, papéis velhos, a fina poeira afogueada, matéria que o vento ia erguendo nos seus braços tortos.

O meu amor continuava a avançar de encontro à massa negra das nuvens. Lembrei-me das palavras de um famoso crítico de música, um velho inglês, um tanto excêntrico, tentando explicar o sucesso dela: “O que primeiro nos cativa é o contraste entre a fragilidade da silhueta, estranhamente angulosa, estranhamente elegante, e a altiva ferocidade do olhar. A voz poderosa e delicada. Apetece ao mesmo tempo protegê-la e espancá-la”.

Kianda entrou na chuva. O leve vestido de seda, de um encarnado muito vivo, colou-se-lhe à pele, enquanto ia mudando de cor, para um tom escuro, quase roxo. O amplo decote nas costas deixava ver as duas asas azuis que Kianda tatuou numa viagem ao Japão. A mim impressionam-me sempre, por melhor que as conheça, devido ao detalhe das penas e à técnica, em *trompe-l’oeil*, que cria uma ilusão de relevo. As asas movendo-se ao ritmo da respiração. A furiosa cabeleira em chamas, que tantas mulheres tentam imitar, apagou-se, perdeu volume e brilho, alongando-se sobre o firme desenho dos ombros.

Abri a porta e saí do carro, um Chrysler antigo, amarelo torrado, uma peça de coleção. O vento húmido fustigou-me o rosto. Gritei o nome dela, mais alto que o ribombar da tempestade. Kianda voltou-se para mim, ao mesmo tempo que erguia os olhos, num espanto mudo.

(Dou-me conta, enquanto releio o que escrevi, que parece o guião de um filme publicitário. Este é o momento em que devia surgir o frasco de perfume. Teria de ter um nome apropriado, algo como La tempête. Mas não. A partir deste instante o filme muda.)

Segui o olhar de Kianda e vi uma mulher a cair do céu. Caiu — veio caindo, nua, negra, de braços abertos — quase ao mesmo tempo que o raio. O raio fez explodir o embondeiro. Um meteorologista explicou-me, há muitos anos, que os raios podem

fazer explodir as árvores ao provocarem a súbita ebulição da seiva. A mulher afundou-se entre o capim alto, não muito longe do carro. Aproximei-me. O corpo estava enterrado na lama. Tinha a cabeça deitada para trás. Reconheci aqueles olhos abertos, muito negros, ainda cheios de luz. Recuei aterrorizado. Não deixei que Kianda a visse:

— Vamos!

— Vamos?! E ela?

— Ela está morta, amor! Não se incomoda. Queres chamar a polícia?

— Não, não! A polícia não. Não quero chamar ninguém. Sabes muitíssimo bem que não nos podem ver juntos.

Abracei-a. Kianda tremia. Levei-a para o carro, sentei-a ao meu lado, e conduzi em silêncio de regresso a Luanda. Quando chegámos ainda a noite não descera sobre a cidade. Estacionei o carro a dois quarteirões do prédio dela. Debrucei-me para a beijar. Kianda afastou o rosto:

— Não! Nunca mais.

Saí. Ela tomou o meu lugar, pôs o carro em andamento e foi-se embora. Mandeí parar um táxi. Durante muitos anos não houve em Luanda táxis individuais; havia somente táxis coletivos, os candongueiros, destinados a servir o povo.

(O Povo, ou Eles, é como em Angola nós, os ricos, ou os quase ricos, designamos os que nada têm. Os que nada têm são a esmagadora maioria dos habitantes deste país.)

O motorista era um congolês obeso. A pele do rosto, muito lisa, brilhava como um espelho à luz acobreada do final do dia. Abriu para mim um sorriso enorme:

— Para onde vamos, paizinho?

— Não sei. — Confessei numa voz sem cor. O Medo não me deixava pensar. — Para qualquer lado.

O homem voltou a sorrir:

— Não se preocupe. Eu levo-o lá.

Meia hora depois deixou-me à porta de um pequeno bar. Reparei no neon a pulsar sobre a porta — “O Orgulho Grego”. O sorriso do taxista tinha agora o tamanho do mundo:

— Entre e pergunte pela Mãe Mocinha. Ela saberá dizer-lhe para onde ir. Nunca se engana.

*(A mulher em queda,
cinco dias antes.)*

Vi-a mal entrei na sala de embarque. A mulher também me viu. Prendeu em mim a luz impiedosa dos grandes olhos negros, tão intensamente que baixei os meus. Quando voltei a erguê-los, ela ainda ali estava, sentada numa das cadeiras, muito direita, com a elegante altivez de uma princesa etíope. Vestia um casaco de peles, de um luxo arcaico, e calças negras à boca de sino. Sentei-me duas cadeiras atrás, para escapar àquele olhar e poder estudá-la tranquilamente.

Quem seria? Ou melhor — o que seria? Comecei a imaginar várias possibilidades: certamente bem-nascida, em família antiga de Luanda ou de Benguela. Um dos avôs teria sido funcionário público da administração colonial. O pai, burocrata ao serviço da presidência, talvez um empresário próspero, um general convertido em empresário na área da exploração mineira. Ela estudara em Lisboa, em Londres ou Nova Iorque. Eventualmente em Lisboa, Londres e Nova Iorque. A forma como estava vestida sugeria um gosto em conflito com os atuais padrões ecológicos. Talvez sentisse prazer em afrontar, ou tivesse tanto dinheiro que se achasse acima do julgamento das massas. Fosse quem fosse, tinha a certeza

de que nunca a vira antes. Lembrei-me de um dos *Doze contos peregrinos*, de Gabriel García Márquez, “O avião da Bela Adormecida”. No conto, o escritor colombiano descreve uma viagem que fez ao lado da mulher mais bela do mundo, a qual nunca lhe dirige a palavra. Viajo muito de avião, quase todos os meses, e não me recordo de alguma vez ter conseguido ficar sentado ao lado de uma mulher bonita. Suponho que as companhias aéreas tenham instruções para não sentarem mulheres bonitas ao lado de homens, qualquer tipo de homens, com exceção de senhores de idade muito respeitável e sacerdotes. Quando anunciaram o embarque, esperei que a mulher se levantasse para me colocar na fila. Então, para minha surpresa, ela voltou-se para trás, esticou o indicador da mão direita e perguntou-me:

— É o Bartolomeu Falcato?

— A maior parte do tempo sou sim. — Concordei, esforçando-me por acrescentar um dito espirituoso, um comentário alegre, alguma coisa que me permitisse recuperar o ar e o aprumo.

— Mas estou disposto a ser aquilo que você quiser, quando e onde você quiser.

Reconheço, podia ter sido um pouco mais original. A minha inépcia não pareceu ofendê-la:

— Chamo-me Núbia — disse, num tom de voz demasiado alto. — Eu sabia que nos encontraríamos, em Lisboa, em Luanda, em algum lugar do mundo. Tinha a certeza.

Não me atrevi a perguntar de onde lhe vinha tanta certeza. Ao invés, quis saber em que se ocupava. Sorriu, evasiva. Logo a seguir alguém a chamou, ela afastou-se, e só a voltei a ver no avião. Estava uns bons lugares à minha frente. Ao meu lado não havia ninguém. Núbia deu-se conta disso e veio ter comigo. Despiu o casaco de peles e guardou-o na bagageira. Por baixo vestia uma simples blusa branca, muito elegante, que deixava adivinhar uns seios largos e firmes. Abriu depois uma pequena mala vermelha,

em plástico, tirou uma pilha de revistas e colocou-as no meu colo:

— É para você me conhecer melhor.

As revistas tinham nomes como *Cacau*, *Tropical*, *Mulher Africana*, *Caras e Cores*. Núbia estava em todas as capas. Na primeira aparecia vestida de noiva, a descer uma longa escadaria em caracol. Na segunda posava em biquíni, deitada de costas numa toalha de praia, tendo ao fundo, entre um friso de rochas, um mar cor de esmeralda. Na terceira vestia apenas uns curtos calções de ganga, e ria, uma bela gargalhada juvenil, enquanto procurava esconder o peito com ambas as mãos.

— Ah, bom! — suspirei, espantado. — Então você é modelo...

— Fui Miss Angola há dez anos. Depois comecei uma carreira como modelo. Tive também um programa na televisão.

— Já não tem?

— Não, calaram-me! Eles não querem que eu fale!

Tirou-me as revistas das mãos e substituiu-as por um grosso álbum de fotografias. Ela mesma o abriu. As primeiras imagens mostravam um desfile de misses. Núbia surgia nas fotos seguintes, sempre com o mesmo sorriso, ao lado da Presidente e do marido. Ao lado de um famoso jogador de futebol. Ao lado de uma atriz de cinema. Abraçada a um próspero empresário americano. Abraçada a dois prósperos empresários nacionais. No colo de um conhecido traficante de armas. No enorme iate presidencial. Apontei para uma fotografia dela, a cavalo. Um pouco ao fundo, também a cavalo, via-se um homem elegante, com bigode e cavanhaque. O rosto pareceu-me familiar:

— E quem é este?

— Esse é o amante da senhora Presidente!

— Como?!

Ela ignorou o meu assombro. Continuou a mostrar-me as

fotos. Foi-se entusiasmando. Falava quase sem respirar, torrencialmente, ao mesmo tempo que o sotaque mudava. Distinguiu-se agora, atrás da macia e dolente pronúncia característica da velha burguesia luandense, uma outra, mais larga, mais sonora e rústica. Era como se uma segunda mulher, uma mulher do povo, estivesse a tentar sair de dentro daquela — da falsa — não como a borboleta a romper a pupa, mas como uma lagarta a irromper de uma borboleta. Perguntei-lhe o nome de família. Sorriui, a mostrar que adivinhara as minhas intenções:

— A minha família era muito pobre. Eu nem sabia falar português. Falava mal. Foi esta que me ensinou a falar.

Apontou para a Presidente, numa das fotos. Soltou uma pequena gargalhada:

— É uma ordinária! Costumava ficar a espreitar enquanto o marido me comia. Sabes o que me obrigaram a fazer? Não, não sabes. Ninguém sabe. A mim e às outras meninas. Orgias com gente importante. Drogas...

— Não acredito!

— Sim, experimentei muitas drogas. Liamba. Heroína. Coca. Hoje já não me drogo. Deus não me deixa tomar drogas...

— Deus?!

— Deus, sim. — Baixou a voz. Aproximou os doces lábios do meu ouvido. — Sabes que Deus foi visto a desfilhar na Marginal? Deus fala comigo. Um dia mostrou-me um dos teus livros. No dia seguinte fui a uma livraria e comprei-o.

— E leste-o?

— Li mas não compreendi nada. Li-o, porque Deus me disse, “Filha, prepara-te. Tu és Núbia, a puta, e és Maria, a pura. Bendito o furor do teu ventre”. Ele disse-me isto porque vou engravidar, vou dar ao mundo um novo Salvador...

Fixei-a perplexo e assustado:

— E quem será o pai?

Núbia olhou para mim, um pouco chocada:

— O pai?! O pai vais ser tu, evidentemente. Foi-me revelado por Deus. Tu serás o meu José.

— E o nosso filho vai chamar-se como?

— Emanuel, é claro.

Resolvido o assunto, começou a contar-me que durante muitos anos fora um rapaz. Entretanto haviam apagado as luzes dentro do avião. Passava da meia-noite. Lá fora as estrelas ardiam em silêncio.

— Quando eu era rapaz, costumava comer a senhora Presidente...

Eu já não a ouvia. Doía-me a cabeça. O sono ia-me apagando a consciência, como um blecaute na cidade, há muito tempo, nos anos da guerra, primeiro um bairro e a seguir o outro, largas extensões que desapareciam no abismo. Ao mesmo tempo imagens soltas irrompiam não sei de que oceano oculto, do interior mais profundo do meu cérebro: eu a beijar Laurentina, a minha mãe a dançar com um vestido cor-de-rosa, um cão morto, no passeio, com a garganta cortada. Lutei desesperadamente para me manter à tona. Por fim adormeci, devo ter adormecido, pois lembro-me que estava a correr nu numa praia, ao lado de Núbia, quando, de súbito, abri os olhos e vi-a inclinada sobre mim. Desabotoara a blusa e soltara o sutiã. Ali, na rápida noite, a onze mil metros de altitude, pareceu-me uma divindade indubitável. Uma versão moderna (bastante moderna, é certo) da Mãe do Salvador. Despertei, estremunhado:

— O que estás a fazer?!

— A despir a blusa. Vamos amar-nos.

— Aqui?!!

— Sim, espera um momento, vou tirar as calças.

— Não vais não. Vais abotoar a blusa.

— Não me achas bonita?

— Acho-te bonita, sim, mas também acho que não estás bem. Devias falar com um psicólogo.

— Prefiro falar com Deus. O que pode um psicólogo dizer-me que Deus não me diga? — O argumento desarmou-me. Núbia tomou o meu silêncio como uma concordância. Acrescentou em voz trocista. — Queres que vá falar com Bárbara Dulce? Ela não é psicóloga?

— Bárbara?! A Bárbara é psicanalista. É investigadora. Especializou-se em distúrbios de sono. Em sonhos. De onde é que tu conheces a minha mulher?

— Conheço tudo sobre ti...

Não conhecia, felizmente. Nem sequer sabia o meu número de telefone. Dei-lhe um número errado, mas guardei o dela. Despedimo-nos, com um beijo rápido, na fila da polícia de fronteiras. Prometi ligar-lhe, insisti em que devia descansar, e tratei de desaparecer. Bárbara Dulce aguardava por mim, lá fora, e eu não queria um escândalo.

Mãe Mocinha levou-me para um pequeno quarto, todo pintado de verde-esmeralda, a que se acede a partir do bar por um estreito corredor. Aconselhou-me a não regressar a casa nos próximos dias. Não lhe prestei atenção. O que me disse a seguir — com uma voz roubada não sei a quem —, isso, sim, deixou-me inquieto. Depois adormeceu, a cabeça deitada sobre o peito, num velho sofá. Saí dali e voltei para o bar. O meu telefone começou a ladrar no momento em que me preparava para deixar o Orgulho Grego.

(Sim, o meu telefone ladra. Serena, a minha filha do meio, substituiu o antigo toque, um discreto retinir, old fashion, por um latido feroz. Se por acaso me distraio e não atendo logo, a máquina enfurece-se — ou melhor, o cão que há nela. Já me aconteceu estar na rua, alguém

me ligar, e eu ver surgir do nada um rafeiro, também ele aos uivos e latidos. Tive de fugir, como um larápio, com um cão no bolso e outro a morder-me os calcanhares. Tentei repor o antigo toque, mas sem sucesso.)

Era Kianda. Disse-me que o marido a trocara por outra mulher. Acrescentou que não me queria ver mais. Nunca mais. Quando desligou, sentei-me a uma das mesas. Pedi uma cerveja. O proprietário do estabelecimento, um besugo português, muito simpático, trouxe duas cucas e um pratinho com bolinhos de bacalhau. Os melhores bolinhos de bacalhau que comi até hoje. Sentou-se à minha frente e começou a contar-me a história da sua vida. Contou-me depois como conhecera Mãe Mocinha. Ambas as histórias eram extraordinárias.

Já passava das oito quando me levantei. Liguei para Bárbara Dulce. O telefone tocou, tocou, mas ninguém atendeu. Precisava falar com ela. Teria de lhe contar que viajara com Núbia de Matos. Bárbara acharia estranho: “Porque não me disseste nada antes?”, perguntaria. “Ora, querida, porque não te queria assustar. A mulher é louca. Doida de pedra.” Depois contar-lhe-ia que a vira cair do céu, mesmo à minha frente, enquanto me dirigia, num táxi, conduzido por um congolês, para o Condomínio do Cajueiro. Provavelmente Bárbara voltaria a atacar, erguendo a voz um tudonada: “E o que ias tu fazer ao Condomínio do Cajueiro, pode-se saber?”. Neste ponto eu encolheria os ombros: “Ah, sei lá! Entrevistar um labrego português, uma espécie de vidente, sabes?, é para o meu novo romance”.

Fui construindo e reconstruindo os diálogos enquanto esperava por outro táxi. Bárbara falaria com o pai. O meu sogro é um homem muito influente, ligado desde a independência, desde sempre, portanto, ao Ministério da Segurança do Estado. Benigno saberia como me ajudar. Definir uma estratégia devolveu-me certa tranquilidade.